

Falta de ponte causa atrasos, prejuízo e medo

Rotina difícil

Sem ponte, temor de desemprego e tempo perdido na travessia por barco

Muitos moradores de Aguiarnópolis (TO) trabalham em Estreito (MA), sete vezes mais populosa; caminhoneiro chega aguardar 5h em fila por balsa e paga até R\$ 265

ANDRÉ SHALBERS ENVIADO ESPECIAL A ESTREITO (MA)

Em uma semana, a queda da Ponte Juscelino Kubitschek de Oliveira, entre as cidades de Estreito (MA) e Aguiarnópolis (TO), mudou a vida dos moradores das duas cidades e o tráfego de cargas na região. O transporte com caminhões na BR-226 agora envolve um trecho de balsa, com filas de cinco horas e custo de até R\$ 265. A economia local também foi impactada pela queda no comércio.

Para quem segue de carro, a travessia, que podia ser feita em 15 minutos, agora leva cerca de uma hora e meia. Com isso, moradores de Aguiarnópolis tem perder os empregos em Estreito. "Aguiarnópolis é como se fosse um bairro de Estreito", explica o vereador tocantinense Elias Júnior (Republicanos). Enquanto o município tem 4.537 habitantes, Estreito conta 34.353, segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

"Amo a vida dos moradores depende de Estreito para trabalhar, para ter renda. Então, isso afeta. Não é fácil ver um morador conhecido dizer que está com dificuldade, com risco de perder o emprego", diz o vereador. No domingo passado, ele gravava um vídeo para denunciar as más condições da ponte quando a estrutura colapsou, deixando 9 mortos e oito desparecidos até o momento.

Kayk Júnior, de 19 anos, mora em Aguiarnópolis e faz curso técnico de enfermagem em Estreito. Agora, precisa pagar R\$ 5 por trecho, para ir e voltar de barco. "E ainda tem mais R\$ 10 de carro até chegar em casa."

O eletricitista Mateus Maciel, de 23 anos, é o dono de um dos barcos que fazem o percurso. "Até que dá para ganhar um dinheiro, quem fica direto. Eu só faço isso (transporte) na minha folga", diz ele, que estava no rio quando a ponte caiu.

Na prática, o Rio Tocantins não é todo navegável. De um lado, a área onde a estrutura colapsou é limitada pela Usina Hidrelétrica Estreito, inaugurada em 2012. De outro, por um trecho raso chamado de "pedral".

Por isso, apenas barcos pequenos fazem a travessia entre os municípios. Geraldo Pereira de Araújo, de 68 anos, trabalha em fazendas do lado tocantinense, mas mora em Estreito. Na sexta-feira, acordou às 2 horas para levar implementos agrícolas de caminhão até as fazendas. A viagem, antes feita em poucos minutos, agora leva várias horas, contornando por Imperatriz.

Com menos caminhões trafegando naquele trecho da BR-226, parte da Rodovia Belém-Brasília, o comércio em Estreito sofre com a queda de fregueses. Alguns restaurantes, voltados para caminhoneiros, interromperam as atividades. O mesmo ocorreu em Aguiarnópolis.

ALTERNATIVA. Em Porto Franco (MA), a 30 km de Estreito, é possível atravessar o rio de balsa em direção a Tocantins. Mas é preciso aguardar entre 4 e 5 horas na fila - já a operação de embarque, travessia e desembarque dura uma hora. Os preços variam de R\$ 5,50 (motos) a R\$ 265 (caminhões de nove eixos, carregados). O caminhoneiro Paulo Oliveira, de 40 anos, estava na fila ontem para fazer o percurso - a balsa só consegue transportar um veículo grande, como o dele, por vez. Levava uma carga de 50 toneladas de fertilizantes de São Luís para Mato Grosso. "Se for por Carolina (MA), aumentaria quase 100 km. Por Imperatriz (MA), a mesma coisa. Vinho por aqui são 20 km, só que tem o transtorno da balsa", explica Oliveira. "Eu passei na ponte no sábado (o colapso foi no domingo). Minha esposa disse que foi um livramento."



Para a população, percurso entre as cidades custa R\$ 5 e só pode ser feito em embarcações pequenas

WILTON A. RIBEIRO/ESTREITO

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Metrôpole Caderno: A Página: 13